

Este livro fornece ao leitor o acesso às informações partilhadas e transmitidas no AGEINGCONGRESS2020.

Dos dois dias de intenso trabalho, entre 21 e 22 de setembro de 2020, resultou esta esplêndida obra, que reflete a participação de Professores, Investigadores e Profissionais da área do envelhecimento, e que julgamos útil para todos a quem a dedicamos: aqueles que diariamente precisam de cuidados e a quem deles cuida.

Todos os artigos foram sujeitos a um procedimento de avaliação científica através do método double-blind peer review, pelo Comité Científico do AGEINGCONGRESS2020.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeiria



C.M.: 73420

ISBN: 978-84-1345-392-7



9 788413 453927

ACCEDER A LA VERSIÓN EBOOK SIGUIENDO
LAS INDICACIONES DEL INTERIOR DEL LIBRO.



CÓDIGO DE USO EXCLUSIVO POR LA EDITORIAL



THOMSON REUTERS
ARANZADI

O ENVELHECIMENTO COMO UM TODO
LIVRO DE ATAS DO AGEINGCONGRESS 2020



LIVRO DE ATAS DO AGEINGCONGRESS 2020

RICARDO POCINHO, ESPERANZA NAVARRO-PARDO, PEDRO CARRANA, ANA FÁTIMA PEREIRA, CRISTÓVÃO MARGARIDO, MARGA CIGARÁN MÉNDEZ, RUI SANTOS, PEDRO BELO, LISA VALÉRIA TORRES, BRUNO TRINDADE
COORDENADORES

RICARDO POCINHO
ESPERANZA NAVARRO-PARDO
PEDRO CARRANA
PEDRO BELO
ANA FÁTIMA PEREIRA
CRISTÓVÃO MARGARIDO
MARGA CIGARÁN MÉNDEZ
RUI SANTOS
LISA VALÉRIA
BRUNO TRINDADE
Coordinadors

O ENVELHECIMENTO COMO
UM TODO LIVRO DE ATAS DO
AGEING CONGRESS 2020

THOMSON REUTERS
ARANZADI

Primera edición, 2020



THOMSON REUTERS PROVIEW™ eBooks
Incluye versión en digital

El editor no se hace responsable de las opiniones recogidas, comentarios y manifestaciones vertidas por los autores. La presente obra recoge exclusivamente la opinión de su autor como manifestación de su derecho de libertad de expresión.

La Editorial se opone expresamente a que cualquiera de las páginas de esta obra o partes de ella sean utilizadas para la realización de resúmenes de prensa.

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra (www.conlicencia.com; 91 702 19 70 / 93 272 04 45).

Por tanto, este libro no podrá ser reproducido total o parcialmente, ni transmitirse por procedimientos electrónicos, mecánicos, magnéticos o por sistemas de almacenamiento y recuperación informáticos o cualquier otro medio, quedando prohibidos su préstamo, alquiler o cualquier otra forma de cesión de uso del ejemplar, sin el permiso previo, por escrito, del titular o titulares del copyright.

Thomson Reuters y el logotipo de Thomson Reuters son marcas de Thomson Reuters

Aranzadi es una marca de Thomson Reuters (Legal) Limited

© 2020 [Thomson Reuters (Legal) Limited / VV. AA.]

© Portada: Thomson Reuters (Legal) Limited

Editorial Aranzadi, S.A.U.
Camino de Galar, 15

31190 Cizur Menor (Navarra)

ISBN: 978-84-1345-390-3

DL NA 1244-2020

Printed in Spain. Impreso en España

Fotocomposición: Editorial Aranzadi, S.A.U.

Impresión: Rodona Industria Gráfica, SL

Polígono Agustinos, Calle A, Nave D-11

31013 – Pamplona

Todos os artigos, foram sujeitos a procedimento de avaliação científica traves do método, double-blind peer review, pelo Comité Científico do AGEING CONGRESS 2020

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT –Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto “UIDB/04647/2020” do CICS.NOVA– Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS.NOVA/IPLLeiria

Vivendo num Lar com Vida(s)

ANDREIA BERNARDO¹ Y RICARDO VIEIRA²

RESUMO

O fundamental desta comunicação prende-se com o modo como são cuidados os idosos em contexto institucional, considerando-se vital o papel da mediação intercultural para uma intervenção social humanizada. Procuramos elencar e descrever as práticas de mediação, diálogo e comunicação efetiva entre os profissionais do lar de idosos e os utentes, com sentido para estes, no sentido de buscar o empoderamento dos sujeitos e de os cuidar de uma forma personalizada, sem os objetificar.

Em suma, a investigação, realizada no contexto de um mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, revela práticas mediadoras potenciadoras de um bem-estar e qualidade de vida subjetivos para o idoso e para a construção dos seus projetos futuros, por parte dos profissionais do lar Associação Humanitária da Barosa (AHB).

Palavras-chave: Intervenção humanizada; Mediação intercultural; Idosos em contexto institucional; Identidade(s).

1. MEDIAÇÃO INTERCULTURAL ENQUANTO PARADIGMA RELACIONAL EM CONTEXTO DE LAR DE IDOSOS

As populações mais fragilizadas são muitas vezes tratadas como coisas, mais como objetos que como sujeitos. Segundo Vieira, o idoso, (2014a, p. 148) “não é, necessariamente, um mero objeto dependente de outrem e sem posição sobre os contextos em que vive e sobre si próprio”. Na verdade, torna-se indispensável que estas pessoas tenham voz, que não sejam objetificadas, encaradas como que pedras. Que sintam que são escutadas

1. Assistente social. Mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social.
2. Professor Coordenador Principal, ESECS.IPLeiria e CICS.NOVA.IPLeiria.

e que as suas palavras sejam compreendidas como um saber privilegiado fruto de uma fonte de experiências e conhecimentos de longa duração. Cabe, aqui, uma palavra quanto à premência da sociedade contemporânea ter de desconstruir os preconceitos que compreendem os idosos como sujeitos desprovidos de conhecimentos e utilidade, abandonando ideias que sendo antigas eram bem mais progressistas, onde o velho era percebido como uma biblioteca. O idoso, enquanto ser humano, e contrariando a ideia de objeto ao cuidado de familiares ou técnicos, deve gozar de liberdade, autonomia, do direito de decidir sobre o que lhe diz respeito, ter espaço para o exercício da sua autonomia. Torna-se vital pensar *"per se"*, ter voz ativa sobre a sua própria vida nos contextos que vive.

Deste modo, é fundamental trabalhar não apenas para o outro o idoso, mas, antes, com o outro (Vieira, A. & Veira, R., 2016), com esse sábio cuja sabedoria é, tantas vezes, ignorada (Vieira, R., 2011; Vieira, R., 2014a; Vieira, R. & Vieira, A., 2016), numa perspetiva de intervenção social mediadora e humanizada, com a constante preocupação em querer conhecer a sua história, os seus gostos, os seus interesses, a sua epistemologia (Cozinheiro & Vieira, 2008; Pimentel, 2009), já que cada sujeito é único, incomparável, possuidor de sentimentos, reações, e de uma individualidade (Vieira, R., Gomes, Rocha, Mendes & Soares, 2009; Gusmão, 2003) que merece ser respeitada. Assim sendo, é essencial criar uma relação próxima, de empatia e confiança com o intuito de compreendê-lo para intervir contextualizadamente e de modo a gerar momentos de ânimo.

Neste contexto, a problemática desta investigação centra-se no averiguar até que ponto existem práticas de colaboração, escuta ativa, cooperação, diálogo e empoderamento por parte dos técnicos de uma Estrutura Residencial para Idosos (ERPI), que assumam um papel de mediação intercultural enquanto paradigma relacional (Giménez, 2010; Torremorell, 2008; Vieira, R. & Vieira, A., 2016; Milagre & Rodrigues, 2017) que permitam uma relação interpessoal mais humana com os sujeitos institucionalizados, melhorando a sua qualidade de vida, a sua autoestima e construindo pequenos projetos de vida (Vieira, R., 2014c; Pimentel, 2009; Cozinheiro, 2009), por forma a minimizar a solidão e os efeitos de despersonalização do institucionalizado (Pais, 2006; Goffman, 1987). Em alguns lares as pessoas podem ser tratadas de uma forma despersonalizada, como refere José Machado Pais (Pais, 2006), sendo que as pessoas não são tratadas pelo nome, são abandonadas e de alguma forma são coisificadas, tratadas como objetos, tal como recorda Vieira (2014a).

Com esta investigação pretende-se perceber até que ponto, mesmo sem se usar, eventualmente, o nome de mediação, existem práticas efetivamente de mediação social e intercultural, não só por parte dos profissionais

da instituição com as famílias de onde provêm os idosos, bem como no tratamento e intervenção com eles, tendo em conta as suas preferências, os seus gostos, preferências e ideais. Neste sentido, identificamo-nos com o pensamento de Cristina Rodrigues e Cristina Milagre (2017) quando falam de uma intervenção mediadora, aquela que é feita com o outro. Na verdade, a intervenção social pode ser impositiva ou pode ser dialogante, partindo dos interesses dos sujeitos e considerando as suas diferenças culturais, quer sejam elas religiosas, gastronómicas ou de interesse pessoal e profissional. Assim sendo, a intervenção mediadora em contexto de instituição de idosos implica um trabalho feito a partir da identidade pessoal de cada um dos sujeitos (Viegas, 2007; Vieira, R., 2009; Vieira, A. e Vieira, R., 2016).

A problemática científica deste texto resume-se, em parte, ao seu próprio título *"Vivendo num Lar com Vida(s)"*, atribuindo um duplo significado à palavra vidas, pois naquela instituição existem diversas vidas e existe a vida que cada idoso coloca naquele espaço através da valorização da sua própria vida.

2. EPISTEMOLOGIA E OPÇÕES METODOLÓGICAS

Partilhando da conceção de Ricardo Oliveira (2013) que remete para Amado (2009), foi adotado o papel de investigador *"que tem plena consciência que não tem um conhecimento profundo e alargado sobre a realidade, e a comunidade que se pretendia estudar, mas que está disposto a ouvir e a aprender"* (Oliveira, 2013, p. 79), com o intuito de direcionar o estudo para os sujeitos que melhor representassem o que se pretendia investigar. Como ponto de partida enveredamos por conversas com o universo de todos os utentes institucionalizados permanentemente na AHB e fomos focando a atenção em quatro sujeitos constituindo uma espécie de amostra por conveniência procurando ao mesmo tempo diversificar os sujeitos. Assim, os sujeitos deste estudo são casos únicos, mas, também, representativos de categorias sociais diversificadas (Bourdieu, 2005).

Considerando que a presente investigação coloca o seu enfoque na compreensão e interpretação dos interesses, gostos, opiniões, comportamentos manifestados pelos sujeitos em estudo, elegemos desenvolver uma metodologia que assenta num paradigma hermenêutico, fenomenológico ou interpretativo (Faria & Vieira, 2016; Amado, 2013). Assim, é compreensível que o investigador vá para o campo de estudo sem o intuito específico de verificação de hipóteses apriorísticas e sem intenção de obtenção de alcançar conclusões gerais, representações para a sociedade global, mas, antes, privilegiando o interesse de descobrir, conhecer e

interpretar o que efetivamente ocorre num contexto específico, neste caso na AHB. Em termos mais especificamente metodológicos, a investigação qualitativa de cariz etnográfico constituiu-se relevante exatamente neste sentido, para apurar a riqueza, o pormenor da realidade vivida nesta instituição. Nesta opção metodológica, atribui-se o maior valor ao compreender da compreensão do outro para, à posteriori, refletirmos sobre as significações apreendidas por si, efetuando um estudo em profundidade com 4 idosos do lar da AHB.

Este estudo, na linha de Stenhouse (1994) pretende ser um

[...] estudo em profundidade de um único caso, através da observação participante, apoiada pela entrevista; em geral, não se foca diretamente nas necessidades práticas dos atores, mas preocupa-se com as interpretações e significados que estes atribuem aos contextos em que participam e isso pode ser motor de desenvolvimento. (Stenhouse, citado em Amado, 2014, p. 132).

A contribuição de Yin (1994, p. 28) é bem elucidativa quando acrescenta que o estudo de caso constitui "a estratégia de investigação mais adequada quando queremos saber o 'como' ou 'por que' sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle".

Consequentemente, o método etnográfico implica o investigador estar presente fisicamente no terreno, fazer uma observação *in loco*, existindo uma relação direta, face-a-face entre investigador e investigado. Por conseguinte, o etnógrafo faz parte do grupo investigado, é alguém que vive e convive com o grupo em estudo durante longos períodos e com presença regular, permitindo alcançar um nível mais profundo e mais rico de insights e de conhecimentos sobre os sujeitos em estudo e as suas necessidades. A este respeito, acresce sublinhar a relevância de o etnógrafo ser um tradutor (inter)cultural, denotando-se a pertinência de ser fluente em três línguas, a dos "nativos", a do "senso comum" e a das ciências sociais (Silva, 2003).

Cabe ao etnógrafo, numa dupla hermenêutica, entender o entendimento do outro, mas também o entendimento do outro sobre o investigador e como isso interfere na investigação que efetua. Provavelmente, uma das maiores arduidades da pesquisa etnográfica esteja, deste modo, aqui levantada ao procurar entender as reais representações dos investigados.

Na verdade, a etnografia é, potencialmente, o método mais competente para compreender o distanciamento entre o que os indivíduos dizem e o que na realidade praticam no seu dia-a-dia, entre a retórica e a realidade concretizada.

Antes de proceder à apresentação dos métodos e técnicas desenvolvidas torna-se conveniente transmitir que neste estudo tivemos como propósito colocar-nos num "lugar de fronteira", ou seja, procurámos estar dentro e estar fora dos contextos em análise e, neste sentido, num fronteira intercultural, estar entre a ciência e o saber comum, com o objetivo de poder "construir a reflexividade da cidadania e a reflexividade que desenvolve uma ciência da ciência" (Caria, 2003, citado em Faria, S. & Vieira, R., 2016, p. 110). Em consonância com esta ideia foi nossa ambição entrar no campo de estudo e conviver, estar com os sujeitos implicados na investigação sem nos transformarmos num autóctone, mas, antes, como um investigador fronteiriço. Ora, pretendemos estar na margem de lá e na margem de cá, sempre com a noção e preocupação de nos conseguirmos distanciar, de forma a conseguir tomar notas, racionalizar a experiência e, desta maneira, construir um objeto científico legítimo, que não dependa meramente da subjetividade e das emoções experimentadas pelos sujeitos em estudo. Desejámos que, o nosso "lugar de fronteira" (Caria, 2003) enquanto etnógrafos fosse intercultural, isto é, que nos permitisse traduzir a cultura estudada para o mundo científico que muitas vezes faz dos sujeitos objetos (Vieira, R., 2014a).

Cumprir referir que a metodologia foi ajustada consoante os sujeitos em estudo. Procurámos, portanto, fazer uma etnografia dos idosos com entrevistas etnobiográficas (Vieira, 2009, 2011), sendo que as conversas remetem para tal, para um aprofundar a partir de uma observação naturalística. Não sendo fácil utilizar uma metodologia contida num manual de investigação a confiança dos quatro idosos é conquistada com base no sentar ao seu lado, conversando regularmente com eles, iniciando a conversa de um modo etnográfico, partindo dos seus interesses (Silva, 2009; Vieira, R., 2003). É o utente que nos mostra como gosta de ser cuidado, se valorizam, ou não, o seu ponto de vista, a sua identidade. Se é encarado como um sujeito que é escutado, assente nos pilares fundamentais da mediação sociocultural.

Posto isto, é notória a relevância da disponibilidade para estar com e para ouvir de forma ativa, sensível o sujeito em estudo, tornando-se fundamental, conforme anteriormente mencionado, uma interação social prolongada no tempo e no território destes, no seu ambiente natural, local privilegiado para a recolha de dados, pelo que o percurso tomado tenha acontecido neste sentido. Sem nos tornarmos num dos sujeitos estudados buscamos aprender, compreender e interpretar a forma de pensar de cada um, a fim de ganharmos a aceitação dos sujeitos e poderemos prosseguir com os objetivos da investigação (Geertz, 1979). Como tal, estivemos presentes no terreno apresentando sempre uma atitude de

quem queria aprender, procurando distanciar-nos do perigo do simples verificacionismo.

Quanto às técnicas de recolha da informação, em termos mais práticos e pragmáticos, recorreremos a três técnicas principais: a análise documental feita a partir de documentos formais e informais sobre a instituição; a observação direta e a observação direta participante; e as entrevistas individuais semiestruturadas e/ou de natureza etnográfica. No que concerne à observação direta e à observação direta participante (Pais, 2006; Clifford, 2002), foi acompanhada, in loco, a dinâmica cultural do grupo e as atividades promovidas no lar quer pelas técnicas da instituição quer pelo grupo de profissionais de animação vindos do exterior, através de uma escuta ativa, com o coração, sendo nossa intenção ver, ouvir e racionalizar os factos, por forma a conseguir dados o mais próximo possível da realidade, efetuando um registo cuidadoso das observações, sempre que possível utilizando as próprias expressões e citações dos sujeitos em estudo.

Relativamente às entrevistas, foram privilegiadas as entrevistas individuais semiestruturadas e depois etnográficas (Vieira, 2003), como forma de chegar ao entendimento do sujeito observado e de lhe conceder flexibilidade e liberdade de resposta, pelo que se elaborou antecipadamente um guião que serviu de fio condutor na interação entrevistador-entrevistado.

Em jeito de conclusão, relativamente à metodologia privilegiada, a etnografia visou saber o que está por detrás da "casca da árvore", do que é visível aos olhos, consentindo uma ampla combinação de técnicas, no sentido de compreender o porquê das significações atribuídas pelos investigados e com o intuito de conhecer o outro, as suas necessidades e particularidades, intentando trabalhar com ele e não para ele, privilegiando, assim, uma intervenção social humanizada e a mediação intercultural – criativa, empoderadora, transformativa (Vieira, A. & Vieira, R., 2016).

3. OBJETIVOS E UNIVERSO DE ESTUDO

Constitui-se fulcral para o desenvolvimento deste estudo científico compreender três objetivos gerais: observar as relações sociais entre profissionais e utentes e compreender que práticas de intervenção assentam na mediação como estratégia de intervenção humanizada; compreender que relação entre interventor e utente é privilegiada nesta instituição; e investigar a relevância das funções, da missão e dos valores da Associação Humanitária da Barosa. Em função dos objetivos gerais apresentados

erguem-se como objetivos específicos: compreender as regras e procedimentos que este lar aplica às famílias dos idosos institucionalizados; compreender como é que o idoso avalia a relação interpessoal dos profissionais consigo mesmo; e identificar a mediação intercultural enquanto prática de transformações, de criatividade, de empoderamento na criação de laços e novas identificações entre o utente, a família e a instituição.

Em consonância com Vieira (Vieira, R., 2011; Vieira, R., 2014a) urge que toda a intervenção social seja mediadora, isto é, com o outro e não para o outro, na medida em que o idoso, concretamente, sinta que é escutado com o coração e entendido como uma fonte transgeracional de conhecimentos. Só assim estes sujeitos se sentem respeitados, se animam, ganham vida e atribuem sentido ao seu existir, constroem projetos de vida.

Em termos do universo de estudo mais específico, entrevistámos a diretora técnica/assistente social da AHB, a animadora sociocultural, que acompanham diariamente os utentes, quatro idosos com quem fomos travando conversas mais facilmente e que foram respondendo a questões como: como é que se adaptou ao lar? sofreu muito com a entrada? hoje trocaria o lar por outro local de habitação? e um familiar de uma utente em estudo, por ser uma pessoa assídua nas visitas ao lar, e inclusivamente participar regularmente nas atividades de animação ali desenvolvidas, assumindo um papel de mediador entre a instituição e as famílias. Todas as entrevistas apresentam um cariz etnográfico e etnobiográfico (Vieira, 2003, 2009, 2011) ou entrevistas como "conversas" (Burgess, 1997), a fim de compreender que tipo de integração ou sentimento os instituídos têm perante esta instituição. Segundo Vieira (2011):

As entrevistas enquanto conversa e centradas no mundo vivido pelos entrevistados, ouvindo mais que propriamente perguntando (por isso etnográficas) e, muitas vezes, colocando a ênfase na própria biografia dos sujeitos, suas trajetórias [...] (por isso etnobiográficas) [...]. (Vieira, R., 2011, p. 184).

4. MEDIAÇÃO INTERCULTURAL PARA UMA INTERVENÇÃO HUMANIZADA

A investigação que aqui damos conta procura partir das vozes de cada sujeito investigado e mostrar as práticas mediadoras existentes dentro do lar AHB e a forma como contribuíram para a autoestima, o bem-estar, a qualidade de vida subjetiva, proporcionando um envelhecimento digno aos idosos a quem, daqui em diante, por questões de ética, são atribuídos nomes fictícios neste estudo.

Com este propósito foram traçadas por nós algumas categorias de análise, sendo elas no caso dos utentes: institucionalização, tratamento interpessoal diferenciado, ponto de vista dos idosos na intervenção social, formas de cuidar, a transformação de si e a construção de projetos. No caso das técnicas e do familiar, são contempladas as seguintes categorias: aceitação/rejeição da institucionalização permanente, práticas de diferenciação, ponto de vista do idoso, cuidar do idoso, e Projetos de vida.

Olhando para o caso do Sr. Manuel, de 89 anos de idade e com um ano de institucionalização, o seu discurso reflete claramente a sua aceitação perante a sua nova realidade de vida. A vontade que sentia de ir para um lar e aí se integrar facilitou a sua aceitação e inclusão. Cabe aqui referir que vê na AHB a sua nova casa, a casa para a sua velhice. Assume o lar como parte da sua identidade, reinventando-a, metamorfoseando-a (Vieira, 2009) e deixa para segundo plano o lugar onde sempre residiu. Uma posição muito próxima é tomada por D. Filomena que com 80 anos teve voz ativa na decisão sobre o seu futuro. Ao existir um diálogo, uma negociação, uma mediação (AA.VV., 2008; Giménez, 2010; Torremorrell, 2008) entre mãe e filhos, a idosa acaba por aceitar mais facilmente a sua nova vivência. D. Filomena foi cuidada pelos filhos como sujeito e não como objeto (Vieira, R., 2014a).

Pelo contrário, as outras duas utentes, que se encontram há dois anos a residir permanentemente no lar, rejeitam a sua institucionalização. Debilitada com a doença da diabetes e com o afastamento dos filhos do país, D. Conceição, de 82 anos, vê-se obrigada pelo filho mais velho a ir para o lar. Ao ser tratada mais como objeto do que como sujeito (Vieira, R., 2014a) neste processo que foi impositivo, onde não ocorreu diálogo, negociação, mediação (AA.VV., 2008; Giménez, 2010; Torremorrell, 2008; Vieira, R., 2014a) entre mãe e filhos, mobiliza a idosa a uma atitude de rejeição perante a sua transição do contexto familiar para o lar. Já D. Teresa, doente de alzheimer, culpabiliza o marido por estar acolhida no lar. Com 76 anos não tem voz ativa (Giménez, 2010) para decidir sobre a sua institucionalização. A incapacidade do marido para cuidar da esposa e a indisponibilidade dos filhos conduzem Mário a impor a sua decisão sem acontecer um diálogo, uma negociação com a idosa, desencadeando nesta uma postura de rejeição quanto à sua institucionalização e ao estar fechada, presa, como declarou tristemente.

Subjacente a estas ideias de rejeição encontra-se o papel fundamental da instituição na aplicação de estratégias de intervenção mediadoras para a (re)criação de laços e novas identificações entre as utentes e os familiares, identificando a mediação enquanto prática de transformações, de empoderamento e autonomia (AA.VV., 2008; Giménez, 2010; Torremorell,

2008; Vieira, R. & Vieira, A., 2016; Milagre & Rodrigues, 2017; Vieira, R., 2014a; Vieira, R., Marques, Silva, Vieira, A. & Margarido, 2016).

Note-se, além disso, que D. Conceição, tal como D. Filomena, são utentes que raramente recebem visitas no lar, especialmente por parte dos filhos. Neste sentido, estabelecem contacto com estes familiares sobretudo através do seu telemóvel pessoal. Por sua vez, o Sr. Manuel recebe a visita e o acompanhamento às consultas médicas da vizinha e da nora, sendo que mantêm uma forte relação de amizade. É D. Teresa a única utente que recebe diariamente a visita do seu marido. Estes laços vincutivos afiguram-se muito relevantes para o equilíbrio e bem-estar destes utentes. Mais uma vez, a AHB parece ter a preocupação de através da permissão para o uso de telemóveis pessoais e da flexibilidade quanto às visitas dos familiares no lar intervir de forma a criar/estabelecer/sustentar laços e identificações entre o utente, as famílias e a instituição, com o intuito de não existir uma rutura com os vínculos afetivos dos sujeitos acolhidos.

Acresce mencionar que as reflexões produzidas pelos sujeitos ajudam a compreender que a D. Teresa é a única utente do estudo que, embora lhe seja perguntada a opinião, não tem capacidade para tomar decisões sozinha. No que respeita ao Sr. Manuel destaca-se dos restantes sujeitos pela sua aptidão em se movimentar pela instituição sem necessitar de recorrer ao apoio de um andarilho. As técnicas e funcionárias têm como objetivo na intervenção com as outras três utentes alimentarem a sua autonomia relativa promovendo práticas mediadoras. Ou seja, trabalham com as idosas (Vieira, R., 2011; Vieira, R., 2014a; Vieira, R. & Vieira, A., 2016) no sentido de as estimularem, empoderarem, respeitarem, prestarem um cuidar atento e carinhoso, numa intervenção mediadora, humana (Milagre & Rodrigues, 2017; Cozinheiro & Vieira, 2008) e contextualizada.

O discurso dos quatro sujeitos estudados explicita claramente a ideia de mediação intercultural (AA.VV., 2008; Torremorell, 2008) assente num tratamento interpessoal diferenciado das profissionais do lar que admitem um trabalho de relação (Antunes, 2017) com os utentes. As práticas mediadoras implementadas permitem uma intervenção diversa e adaptada que respeita as necessidades, as características, a identidade (Cozinheiro, 2008; Viegas & Gomes, 2007), a singularidade dos utentes. Talvez por isso, na reflexão sobre uma intervenção contextualizada, D. Conceição e D. Filomena constroem o seu pensamento não só no sentido de possuírem um telemóvel pessoal que lhes permite contactarem livremente com a família, forma de manterem laços afetivos e aumentarem a sua autoestima para uma mais fácil aceitação da sua realidade e bem-estar, como também manifestam grande relevância quanto à possibilidade

conferida pelo lar de negociarem e ocuparem na sala de convívio outro cadeirão que não o que lhes foi imposto.

A propósito do tratamento diferenciado, importa elucidar para o facto de D. Filomena ter o seu quarto personalizado com fotografias e pertences pessoais, estratégia fundamental para a construção de uma nova identificação (Vieira, R., 2011). Denota-se aqui, a capacidade de uma escuta ativa (Giménez, 2010), de interpretação, compreensão, de respeito e valorização do seu ponto de vista pelas profissionais do lar.

Partilhando a ideia de uma intervenção adequada, o Sr. Manuel clarifica o seu sentimento de utilidade ao negociar as atividades a realizar com as profissionais, tendo preferência pelas que estão relacionadas com a sua profissão, sendo exemplo o “[...] descascar das batatas [...]”. Defende, ainda, a liberdade que possui para tomar decisões no seu dia-a-dia como o não participar nas atividades religiosas da instituição “[...] isso, é tudo inventado pelas pessoas...eu ainda não me esqueci”, sem se deixar homogeneizar. O lar parece partir de uma intervenção que visa o respeito e a compreensão pelos pontos de vista, pela opinião do utente afastando-se de uma instituição impositiva, total (Goffman, 1987), trabalhando com os utentes enquanto sujeitos e não objetos (Vieira, R., 2014a). Já D. Teresa vê-se cuidada pelas profissionais como um sujeito, numa intervenção adaptada às suas necessidades, sempre que vai a casa aos fins de semana. Esta estratégia mediadora é fundamental para afastar a sua postura de rejeição perante a sua institucionalização. Neste sentido, o lar busca conhecer o mundo do outro, a sua epistemologia para uma intervenção mais contextualizada (Cozinheiro & Vieira, R., 2008; Pimentel, 2009).

No que concerne ao ponto de vista dos idosos na intervenção social, estes sujeitos sustentaram, mais uma vez, a ideia de que têm voz ativa, as suas opiniões são valorizadas no dia-a-dia dentro do lar. Sem se deixarem uniformizar, afirmam os seus interesses, a sua identidade. A D. Conceição e a D. Filomena são utentes que primam por uma aparência cuidada e sentem os seus valores, a sua identidade cultural valorizada pelas profissionais que as estimulam, empoderam diariamente a se prepararem de acordo com os seus gostos, com a sua cultura pessoal. Mediante isto, D. Filomena afirmou alegremente: “[...] gosto muito de estar sempre bonita [...]”. Quanto às atividades desenvolvidas no lar nenhum dos quatro utentes faz sugestões ou colabora na escolha destas. Porém, a D. Teresa é a única que rejeita participar na realização das mesmas, “não gosto das atividades... não gosto de fazer nada. Não faço nada. Gosto de estar aqui sentada, sossegada e sem ninguém me chatear a cabeça”. Cabe, agora, salientar o ponto de vista do Sr. Manuel que afirma convictamente que os seus hábitos, os seus comportamentos não sofreram uma reestruturação

com a sua entrada no lar. Compreende existir flexibilidade por parte da instituição quanto ao cumprimento de regras e horários. Tem uma visão positiva relativamente à AHB e aos cuidados que lhe são prestados, contrariando a visão veiculada pelo estigma da D. Conceição quanto aos lares de terceira idade.

Relativamente à categoria “formas de cuidar”, as vozes dos utentes estudados revelam por parte do lar uma preocupação em prestar um cuidado numa dimensão mais subjetiva (AA. VV., 2008; Costa, 2002; Neri, Cachioni & Diogo, 2004). Um cuidar que implica uma relação de diálogo (Antunes, 2017), de escuta ativa às necessidades e limitações de cada utente, numa intervenção mediadora e humana (Milagre & Rodrigues, 2017; Cozinheiro & Vieira, R., 2008). Esta ideia é notória nas palavras de D. Filomena: “[...] São muito queridas, conversam, brincam com a gente e vamos muitas vezes todos passear [...]”. É unânime a opinião destes utentes quanto às relações interpessoais com as técnicas e auxiliares da AHB. Todos afirmaram serem de empatia, amizade, ajuda revelando-se fundamentais para que cresçam, se animem, ganhem vida, constituindo, igualmente, uma estratégia vital do lar para o seu envelhecimento ativo e para o desenhar dos seus projetos futuros. Para ilustrar esta ideia importa sublinhar a voz do Sr. Manuel: “[...] são boas pessoas, animam a gente quando a gente está coiso... ajudam-nos muito”.

Por tudo o que vem sendo dito, uma análise relativa à transformação de si e à construção de projetos de vida permite compreender que o lar nas intervenções sociais com os sujeitos estudados visa estimulá-los, empoderá-los para o desenvolvimento da sua autonomia para a (re)criação de laços e novas identificações e para a (re)construção dos seus próprios projetos de vida, através de práticas de mediação intercultural, de modo a que alcancem bem-estar e qualidade de vida. Embora todos os utentes tivessem indicado terem projetos futuros traçados, apenas o Sr. Manuel tem como intenção continuar no lar um envelhecimento que considera digno e feliz: “[...] no fim de cá cair não quero outra coisa [...]”.

Invocando, agora, as vozes das técnicas estas refletem um olhar atento quanto à atitude de aceitação ou rejeição do utente perante a sua institucionalização permanente. A diretora do lar revela uma preocupação em proporcionar aos idosos desde logo uma visita guiada pelo lar como estratégia de acolhimento personalizado. Paralelamente sublinha a importância da personalização do quarto com pertences pessoais com o intuito de o utente não se sentir sem referências e aceitar mais facilmente a sua institucionalização. Por sua vez, a animadora da AHB defende a relevância da animação sociocultural na vida do idoso e no seu processo de institucionalização. De acordo com o discurso das duas profissionais a essência das

suas intervenções com os idosos recai sobre um trabalho de relação, que implica tratá-los como sujeitos únicos, dotados de experiências e conhecimentos, merecedores de uma atenção individualizada, um cuidar atento, carinhoso e responsável, implementando uma mediação intercultural capaz de construir pontes para a aceitação e inclusão do utente na sua nova residência. Do mesmo modo, atribuem especial valor à construção de uma relação de diálogo, escuta ativa, respeito, compreensão, de empatia e proximidade, à dimensão subjetiva do cuidar numa intervenção mediadora e humana. Continuando com uma posição muito próxima diante desta categoria quer a diretora técnica quer a animadora sociocultural manifestam uma inquietação em não se verificar uma desvinculação (Pimentel, 2009) com o universo relacional do idoso acolhido, pelo que se tornam fundamentais as visitas dos familiares, amigos, vizinhos, bem como, a flexibilidade quanto às regras e procedimentos da instituição, de forma ao utente não adotar uma postura de rejeição ao seu acolhimento permanente. A este respeito a animadora declarou “[...] é importante ele (utente) saber que não só nós como a família e os amigos, também estão com ele neste processo de aceitação da nova realidade”.

Tal como os sujeitos estudados explicaram sentir, as palavras das técnicas vão ao seu encontro revelando esta preocupação em cuidar o utente como um sujeito e não como um objeto (Vieira, R., 2014a), de forma diversa, adaptada às suas necessidades, à singularidade de cada utente. Elegendo para primeiro plano a dimensão subjetiva do cuidar, as técnicas na construção da sua reflexão mostraram querer conhecer o mundo do outro, a sua epistemologia (Vieira, R. & Vieira, A., 2016), aplicando nas suas intervenções sociais práticas mediadoras de diferenciação. Ao procurarem afastar-se das características de uma instituição total (Goffman, 1987), rejeitam o risco dos processos de uniformização e despersonalização dos utentes.

Como tal, ambas as profissionais afirmam valorizar o ponto de vista dos utentes e permitir que no seu quotidiano estes sujeitos tenham espaço para demonstrar os seus gostos, interesses, identificações, opiniões tanto nas atividades desenvolvidas na instituição como nas relações interpessoais entre utente e profissionais. Note-se que estas profissionais ao valorizarem o ponto de vista dos seus utentes confiando, negociando, respeitando os seus valores, memórias (Bosi, 1994), a sua identidade (Cozinheiro & Vieira, R., 2008; Viegas & Gomes, 2007) implementam uma mediação intercultural (AA. VV., 2008) potenciadora de transformação e aprendizagem mútua. Conforme ressaltou a animadora sociocultural, os idosos acolhidos têm liberdade para participar na escolha das atividades, fazerem sugestões, exprimirem aquilo que desejam realizar diariamente,

ainda que, como foi possível ouvir dos utentes, embora sejam questionados preferem não se manifestar e aceitar o que lhes é proposto. Assim, partilhando da opinião dos utentes ouvidos nesta investigação, as duas técnicas da AHB atribuem relevância aos cuidados objetivos, mas sobretudo ao cuidar subjetivo, numa dimensão que parte da escuta ativa, dos interesses dos idosos, do respeito pela sua identidade, construtor de bem-estar e qualidade de vida (Neri, Cachioni & Diogo, 2004).

Incentivadas a refletir sobre qualidade de vida e respeito pelos objetivos dos utentes, as técnicas são unânimes em reconhecer a importância de os idosos institucionalizados desenharem projetos futuros por pequenos que nos pareçam. Acreditam nas potencialidades dos utentes, capacidades de aprendizagem e transformação e, como tal, estimulam-nos, empoderam-nos para a (re)construção destes projetos (Vieira, 2014b) com o intuito de os utentes melhorarem a sua qualidade de vida, a sua autoestima e minimizarem a solidão e os efeitos de despersonalização (Pais, 2006).

Também a narrativa de Mário é exemplo claro de que as profissionais demonstram respeito e compreensão pela visão e interesses da sua esposa. Mário sente, igualmente, que construiu com as profissionais uma relação que prima pela dimensão subjetiva do cuidar, de interação, diálogo, empatia. Daí que as suas palavras revelem o uso de estratégias de intervenção pelo lar que visam a criação de laços e novas identificações entre a idosa, a família e a instituição, considerando-as vitais para uma mais fácil aceitação de D. Teresa à sua nova realidade de vida.

Mário partilhou da perspetiva das técnicas e dos sujeitos estudados afirmando existir uma preocupação do lar em se afastar de uma instituição totalizadora (Goffman, 1987), procurando intervir de forma contextualizada, adaptada às particularidades e necessidades do utente. Em particular, sublinhou a capacidade de as funcionárias prestarem um tratamento diferenciado ao permitirem flexibilidade nas regras e horários das visitas e ao contactarem os familiares sempre que necessário demonstrando uma atenção individualizada, um cuidar atento, personalizado à utente e a si próprio que se sente ouvido, valorizado. As profissionais procuram conhecer as suas necessidades diárias, a fim de lhe proporcionarem o sentimento de inclusão, de felicidade dentro do lar (Pais, 2006). Uma prática mediadora, destacada por Mário através de expressões como “fazem tudo... para ela se sentir bem”, “estão sempre em cima dela a ver o que é preciso, brincam...conversam...”. Esta mediação manifesta-se no facto de as profissionais tratarem a sua esposa pelo nome, disponibilizarem o seu tempo para estar com ela, ouvirem-na, brincarem consigo e terem um ato de cuidar humanizado (Antunes, 2017; Costa, 2002).

Contudo, contrariando a voz das técnicas, entende que o lar não estimula a esposa a construir os seus próprios projetos. Ainda assim, reconhece, mais uma vez, a persistência das profissionais, o carinho pela utente e a capacidade de acreditarem nela, na sua transformação e aprendizagem. Concorde com a sua esposa ao identificar que esta traçou como projetos futuros o passar os fins de semana em casa junto da família, dos vizinhos, amigos e o voltar a residir na casa onde viu os filhos crescerem, "A única coisa que ela quer realmente é ir para casa. É só, mais nada. É só pelo que ela luta e pensa, mais nada". Projetos que são a sua razão de viver, desenhados a partir das suas memórias como forma de minimizar a sua solidão e os efeitos de despersonalização (Pais, 2006).

5. IDENTIDADE(S) E VOZES DOS SUJEITOS ESTUDADOS: REFLEXÕES FINAIS

Um olhar e uma escuta atentos à identidade(s) e vozes dos quatro idosos, das duas técnicas e do familiar permitiram-nos, enquanto investigadores, perceber a pertinência das relações que vamos construindo e da mediação intercultural dentro do lar.

Isto é bem visível, a título de exemplo, quando o Sr. Manuel refere "[...] Elas lá [em outros lares] não têm coisa nenhuma pelas pessoas e aqui têm. Eu já não quero outra coisa" ou quando D. Filomena declara "[...] gosto muito de estar sempre bonita [...]".

Efetivamente, é fundamental uma relação de diálogo, uma negociação, uma mediação em todo o processo de institucionalização do idoso, particularmente, para uma mais fácil aceitação à sua nova realidade de vida. Conforme alude D. Teresa "[...] preferia estar em casa com uma senhora a cuidar de mim, mas os meus filhos não deixaram. Disseram que pagar por pagar estava melhor aqui...e meteram-me aqui!".

Com a análise das vozes dos sujeitos em estudo, incluindo a das técnicas e do familiar, foi-nos possível compreender que o lar desenvolve um trabalho de relação encarando o utente na sua totalidade, enquanto sujeito, único, detentor de sentimentos, reações, conhecimentos, da sua individualidade que merece ser respeitada. Desta forma, e com o decorrer do trabalho de campo, foi possível observar e perceber que as profissionais do lar implementam uma intervenção social diversa, adequada às necessidades diárias e limitações do idoso acolhido. Perante isto, demonstraram uma constante preocupação em tratar cada instituído pelo seu nome, conhecer a sua história, os seus gostos, os seus interesses, a sua epistemologia. Entendemos que para alimentarem estas intervenções

mediadoras e humanizadas atribuem especial valor à construção de uma relação de diálogo, escuta ativa, respeito, compreensão, de empatia e proximidade entre interventor e utente. As técnicas e funcionárias ao permitirem e privilegiarem esta relação interpessoal mais humana com os sujeitos institucionalizados assumem o papel de mediadores interculturais, com o intuito de melhorarem a sua qualidade de vida subjetiva, a sua autoestima, estimularem a construção de pequenos projetos de vida, de forma a minimizarem a solidão e os efeitos de despersonalização do institucionalizado. A este propósito D. Filomena clarifica, "já viu os desenhos que pintei? A Marta já lhe mostrou? Tem que vir ao meu quarto que lá tenho uns muito lindos [...]". De facto, é unânime a opinião dos utentes ao avaliar as relações interpessoais das profissionais consigo mesmo como sendo relações de empatia, amizade e ajuda.

A investigação mostra que as regras e procedimentos que o lar AHB aplica às famílias dos idosos assentam num propósito de flexibilidade afastando-se de uma intervenção social impositiva e monoculturalista (Vieira, R. e Vieira, A., 2016). O discurso do familiar entrevistado explicita claramente

[...] Eu aqui (no lar), não tenho hora de vir aqui. Se a porta está fechada por já não ser hora das visitas elas dão logo a maneira de eu vir aqui na mesma [...]. É como digo, tenho a porta aberta para entrar e sair, nunca me preocupa se está na hora se não está.

Conforme refere a diretora do lar "[...] uma pessoa que vem de novo para uma realidade diferente e quando não aceita essa realidade e se impõem muitas regras, aí se torna muito mais complicado a adaptação do utente". Por sua vez, a animadora sociocultural, com a sua narrativa, deunos a perceber que esta flexibilidade abrange igualmente um esforço do lar para evitar a desvinculação com o universo relacional do idoso acolhido, "[...] é importante ele (utente) saber que não só nós como a família e os amigos, também estão com ele neste processo de aceitação da nova realidade". Neste âmbito, o lar implementa uma mediação intercultural capaz de construir pontes para a inclusão do idoso na sua nova residência sem perda das referências familiares e sociabilidades comunitárias.

Com o aprofundar dos discursos dos sujeitos em estudo, certos estamos de que as profissionais privilegiam a dimensão subjetiva dos sujeitos no ato do cuidar, o que implica uma atenção individualizada, um cuidar atento, carinhoso e responsável, uma valorização dos pontos de vista e experiências, o empoderamento dos idosos institucionalizados. Para o Sr. Manuel: "[...] são boas pessoas, animam a gente quando a gente está coiso... ajudam-nos muito". É determinante nas intervenções destas

profissionais o implementar de formas de cuidar que são ilustrativas de práticas de mediação intercultural em contexto de intervenção social com idosos. Estas estimulam e empoderam os instituídos para uma autonomia relativa. Por conseguinte, tentam construir sentimentos de bem-estar, reforço de autoestima, respeito pelo gostos, valores, cultura e identidade sem homogeneizar os sujeitos institucionalizados. De acordo com esta realidade é manifesto que tanto a assistente social como a animadora sociocultural são fundamentais para a promoção de práticas de intervenção social numa perspetiva mediadora.

Paralelamente, esta investigação, aclara, de igual forma, que este lar não se centra num paradigma de uma mediação meramente resolutive, embora, por vezes, haja tensões e conflitos entre os institucionalizados, existindo também necessidade de intervenção por parte dos técnicos nesse contexto. Efetivamente, como foi dito, a mediação que se evidencia é sobretudo transformativa, criativa, empoderadora, por isso, intercultural (Vieira, R. & Vieira, A., 2016). Compreendemos, assim, o papel fundamental da instituição na aplicação de estratégias de intervenção mediadoras para a (re)criação de laços e novas identificações entre o utente, os familiares e a instituição (Vieira, 2014b). No entendimento de D. Conceição “antes de eu vir para aqui também era um santo (o filho mais velho), mas depois eu pus na cabeça que ele é que me tinha posto aqui e ali naquele corredor discutimos muito. Agora não, ele telefona-me e eu a ele”. Nesta medida, o lar promove práticas de intervenção mediadoras e humanizadas num trabalho de relação, de diálogo, respeitando e empoderando os utentes nas suas relações familiares e sociais.

Descobrimos, com este trabalho, a relevância da mediação como instrumento fulcral para uma intervenção social humanizadora. A mediação é verdadeiramente importante nas formas de cuidar e trabalhar das profissionais, na construção da interculturalidade, que implica uma transformação e adequação do lar às necessidades e identidades de cada idoso, para uma saudável convivência intercultural. É o idoso que urge conhecer e cuidar na sua dimensão holística biopsicossocial, a fim de potenciar um envelhecimento ativo e com a qualidade de vida idealizada e desejada por si.

Por tudo o que acabámos de expor e refletir, é possível, de facto, no lar AHB, elencar e descrever boas práticas de mediação intercultural, e, é justamente aí que reside a relevância das funções, da missão e dos valores desta instituição: desenvolvimento de práticas potenciadoras de um bem-estar e qualidade de vida subjetivos para o idoso e para a construção dos seus projetos futuros, a sua razão de viver neste complexo passeio que é a vida, onde é determinante o modo como caminhamos e procuramos a

felicidade, a outra margem do rio enquanto sujeitos incompletos capazes de múltiplas aprendizagens e transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA. VV. (2008). *Mediación Intercultural: una propuesta para la formación*. Madrid: Editorial Popular.
- Amado, J., Silva, C. (2013). *Investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. (Coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Antunes, S. (2017). Ser Cuidador: Entre Laços Incontornáveis e Amarras Insustentáveis. In C. Moura, *Novas Competências para Novas Exigências no Cuidar* (pp. 403-416). Vila Nova de Gaia: Euedito.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. S. Paulo-Brasil: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (2005). *Esboço Para uma Auto-Análise*. Biblioteca 70. Edições 70.
- Burgess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Caria, T. (Org.). (2003). *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Clifford, J. A. (2002). *Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Costa, M. (2002). *Cuidar de Idosos: Formação, Práticas e Competências dos Enfermeiros*. Coimbra e Lisboa: Formasau Educa.
- Cozinheiro, S. & Vieira, R. (2008). A entrevista biográfica na (re)construção de cinco histórias de ser e se tornar idoso(a). In Cruz, F. (Org.), *Actas do III Congresso Internacional de Etnografia, Cabeceiras de Basto* (pp. 151-168). Cabeceiras de Basto: AGIR.
- Cozinheiro, S. (2009). Uma reflexão sobre a identidade do idoso. In R. Vieira; C. Margarido; M. Mendes (Orgs.), *Diferenças, Desigualdades, Exclusões e Inclusões* (pp. 133-147). Porto: Edições Afrontamento.
- Faria, S. & Vieira, R. (2016). Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira & C. Margarido (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 105-124). Porto: Edições Afrontamento.

- Giménez, C. (2010). *Mediação Intercultural*. Lisboa: ACIDI.
- Goffman, E. (1987). *Manicómios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Gusmão, N. (2003). Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. In N. Gusmão (Org.), *Infância e Velhice: pesquisa de ideias* (pp. 15-32). Campinas: Editora Alínea.
- Milagre, C. & Rodrigues, C. (2017). Mediação Intercultural: Participação dos atores locais para a coesão social. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira & C. Margarido (orgs.), *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 75-86). Porto: Edições Afrontamento.
- Neri, A.; Cachioni, M. & Diogo, M. (orgs.) (2004). *Saúde e Qualidade de Vida na Velhice*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Oliveira, R. (2013). Viver com o Envelhecimento: das Políticas às Práticas – Estudo de Caso na Figueira de Coz, Concelho de Alcobaça (Dissertação de Mestrado não editada, Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária). Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Pais, J. (2006). *Nos rastros da solidão: Deambulações Sociológicas*. Porto: Ambar.
- Pimentel, L. (2009). Quando a Solidão está no Meio da Multidão: o Papel dos Assistentes Sociais no Desenvolvimento de Estratégias de Articulação entre Famílias e as Instituições de acolhimento a pessoas idosas. *Intervenção Social*, 35, 243-249.
- Silva, P. (2003). *Etnografia e Educação – Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Social*. Porto: Profedições.
- Silva, P. (2009). Ethnography: a method on the razor's edge. *Problemy Wczesnej Edukacji/Issues in Early Education*, 2(10), 46-64.
- Torremorrell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.
- Viegas, S. & Gomes, C. (2007). *A Identidade na Velhice*. Porto: Ambar.
- Vieira, R. (1999). A construção do homem: identidades e metamorfoses. *Educação & Comunicação. Revista da Escola Superior de Educação de Leiria*, 2, 39-52.
- Vieira, R. (2003). Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos. In T. Caria (org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais* (pp. 77-96). Porto: Edições Afrontamento.

- Vieira, R.; Gomes, A.; Rocha, A.; Mendes, M. & Soares, M. (2009). Envelhecimento e Autonomia: A importância do Projeto de Vida. In R. Vieira; C. Margarido & M. Mendes (orgs.), *Diferenças, Desigualdades, Exclusões e Inclusões* (pp. 133-147). Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais: Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Lisboa: Colibri.
- Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: notas de Antropologia da Educação*. Porto: Afrontamento e Leiria: CIID-IPL.
- Vieira, R. (2014a). Trajetórias de vida, subjetivação e qualidade de vida de idosos. In H. Afonso; P. Sousa; J. Almeida (orgs.), *Perspetivas sobre o Envelhecimento Ativo* (pp. 145-162). Lisboa: Editorial Cáritas.
- Vieira, R. (2014b). Integração Social na terceira Idade. Ambientes Promotores de Envelhecimento Ativo. In S. Azevedo & F. Correia. *Educação e Integração Social, Actas do 3.º Congresso Internacional de Educação Social* (pp. 107-121). Porto: Aptses e Fronteira do Caos editora.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2016). Mediações Socioculturais: Conceitos e Contextos. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira & C. Margarido (orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 27-55). Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, A. & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)Formações*. Porto: Profedições.
- Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A. & Margarido, C. (orgs.) (2017). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.